

## UM PESQUISADOR BRASILEIRO *A BRAZILIAN RESEARCHER*

Amábile Piacentine Drogui<sup>1</sup>

Eram duas da madrugada e o pesquisador brasileiro lutava contra o sono e a cansaça. O prazo estava por findar, a tese deveria ser concluída em menos de um mês. Ele já não era tão jovem, a vitalidade de outrora lhe fazia muita falta, a coluna doía por inteiro, o pescoço, os ombros, os braços, as articulações, cada centímetro de seu corpo clamava por um descanso.

Fechou o notebook, bebeu um copo de água e tentou dormir um pouco, o cérebro precisava descansar para permitir novas conexões neurais. Não conseguiu, pensamentos não convidados começaram a invadir-lhe a mente. Lembrou-se de uma das disciplinas que cursou em seu doutorado, na qual a professora titular defendeu, em uma de suas aulas, que, com base apenas nas publicações em português, ninguém pode considerar-se o pai de um determinado termo, é necessário fazer uma busca em diferentes plataformas para saber se alguém já propôs a nomenclatura em inglês. Nessa aula, ele questionou a professora, quis saber se os norte-americanos, os ingleses e as demais comunidades cujo inglês é idioma oficial tinham essa preocupação, de verificar se algum brasileiro já havia proposto a nomenclatura em português. A professora respondeu que é obrigação do brasileiro publicar em inglês e ponto final.

Ele queria parar de pensar, mas não conseguia. Questionava: se na elite pensante, essa é a mentalidade, como esperar que as pessoas não beijem as botas do Trump, nem se curvem à bandeira dos EUA? Como propor que paremos de colocar nomes “gringos” em cada boteco, loja, produto, serviço

---

<sup>1</sup> Doutorado em andamento em Estudos da Linguagem, Professora no curso de Letras / Espanhol na UNESPAR – Apucarana; e-mail: amabile.piacentine@unespar.edu.br

etc.? Como conscientizar da opressão? Como ensinar que língua é instrumento de dominação?

E o gênero tese? Ah, esse também resolveu ocupar novamente seus pensamentos. Tem que citar os europeus e os norte-americanos, mesmo que eles tenham dito exatamente o que um brasileiro disse, no bom e claro português nacional. E sobre inovar? Todo mundo espera que haja alguma inovação em uma tese doutoral, mas se o brasileiro chamar de inovação a inovação que ele propõe, pode ser considerado pedante, arrogante e outros “ante” que você puder imaginar. Ele então se lembrou de um europeu que propôs como inovação chamar os textos de discursos e os discursos de textos; bastou para que se tornasse referência no Brasil todo. O brasileiro, em contrapartida, tem que chamar de pequena alteração, ampliação no aspecto teórico, direcionamento específico, ou seja, termos modestos, mesmo que seja algo que lhe custou horas, dias, meses e até anos para descobrir ou demonstrar. Indignou-se ao concluir que o meio acadêmico perpetua a subserviência aos europeus e aos norte-americanos.

Olhou o celular, já eram três e quinze, nada de dormir. Trocou o travesseiro, virou-se para o outro lado e tentou aquietar sua mente. Lembrou-se então do dia que participou de um congresso e uma professora universitária questionou a ampliação teórica que uma pesquisadora brasileira fez em um quadro de categorias proposto por um europeu. Ele, sempre tão crítico e consciente de seu sangue latino, perguntou à colega, também brasileira, por que ela não questionou as categorias propostas pelo europeu, indagou se ela não via as lacunas tão evidentes. A “colega” silenciou-se, mas nunca mais o cumprimentou. Ele não se surpreendeu quando a mente colonizada apoiou, nas eleições presidenciais, o sujeito que beijou a bandeira dos EUA, negou a ciência, negou vacinas, negou dignidade e atacou a Educação. Não se surpreendeu, mas essa lembrança o entristeceu profundamente, a madrugada tornava-se cada vez mais longa e melancólica.

A tristeza trouxe outra recordação frustrante. Esse sentimento enviou sua mente para outro congresso do qual participou, esse foi no Nordeste, e lá

também encontrou pessoas do universo acadêmico que, apesar de se intitularem letradas e pesquisadoras de alto nível, negam a ciência. Brotaram novas questões em seu agitado consciente: Como pode isso? Como pode alguém, que lê, estuda e pesquisa, publicar tantas *fake news* nas redes sociais? Não são inocentes, sabem que mentem. Que vergonha ter como “colega” de área uma pessoa assim. Ele já estava em seu limite, a cabeça começou a doer, seu Sistema Límbico não suportava mais.

Viu novamente as horas, quatro e vinte! Abriu a caixa de mensagens e tinha uma de seu orientador, ele não tinha visto, fazia três dias: “O prazo submeter um resumo e apresentar sua pesquisa no congresso de Santa Catarina termina quinta-feira, você já enviou?” Era quinta-feira, ufa, ainda daria tempo. Mas ele não tinha condição alguma de escrever; precisava dormir um pouco para conseguir voltar ao computador, acessar a página do evento, ler as normas, escrever o resumo e submeter.

Ciente de que essa exigência o levaria a uma nova enxurrada pensamentos, e que ele não seria capaz de controlá-los, tomou um diazepam e teve algumas horas sem consciência de si e de seu mísero lugar no mundo.